

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 62

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1905

É prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar
Anno..... 8\$000
Semestre..... 4\$000
Trimestre..... 2\$000

Brazil
Anno..... 52\$000 moeda fraca
Semestre..... 30\$000

Territorios da união postal
Anno..... 10\$500
Semestre..... 5\$500



Agente em S. Paulo
A. S. Jorge & Comp.
Charutaria Lealdade
Rua S. Bento, 35-A

LISBOA

Empreza do jornal "O SEculo."

43-RUA FORMOSA-43

CASAS RECOMMENDADAS PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA-LISBOA

PÂTISSERIE
BENARD
104, Rua Garrett, 104
LISBOA

BEBAM SÓ O CHAMPAGNE
Moët & Chandon
da colheita de 1898

Empreza Vinícola WENCESLAU
Sucroseiras FONSECA, LIXTA & C.
Sã; os melhores vinhos de mesa, co-
sinhos. - Telephone n.º 10
Praça de Luiz de Camões, 20

SAPATARIA
PARISIENSE
DE
Eduardo de Sousa
Calçado de todas as qualidades
55, R. de Santa Justa, 57

Automóvel Peugeot - São o único
marca os mais numerosos em Portugal,
demonstrando assim a sua superioridade
Incomparável. - A. Renault & Co.,
hormecedores da Casa (Paris e representantes ex-
clusivos - Palácio Fox - Lisboa

ELYSIO SANTOS & C.A
Mobília e estofos
Oficina para colchados, carpetes, es-
tufos de calor e de arame, pastilhas, etc.
83 a 93, Rua Augusta, 83 e 93

BUCELLAS HÖCK
Sandeman
E' o melhor vinho branco

Kermesse
de Paris
Completo sortimento de brinquedos.
Objectos de novidade para brindes,
perfumarias e varios artigos de
utilidade.
Rua do Principe (Avenida Palace)

Pastelaria Marques
Almoco todos os dias das 10 as 1.
Fornes lustradas, lancha e vinhos.
79, Chiado, 79 - Lisboa

CANDIEIROS
Electro-acetylene
GRANDE NOVIDADE
104, Rua do Arsenal, 104

SE QUEREIS
empregar bem o tempo diário
compre sempre na loja UTILIDADES
José Braga & Companhia
Rua do Ouro, 180, 182 - Lisboa

Chronometre
ZENITH
O melhor relógio em ouro, prata e aço.
A venda em todas as relojoarias.

Novidades em chapéus de senhores
e crianças
Preços resumidos - J. J. S. Segurado
Sulpham em todas as agnomodias
para a provincia
Rua do Carmo, 3 e 7 - Lisboa

Espingardaria Central
Armas para caça e tiro ao alvo dos
melhores fabricantes - Munições de 1.^a
qualidade
3, Largo do Camões, 3

Não ha ninguém que apresente
de mais alta qualidade, de maior e mais com-
pleta variedade, e venda mais barato, que a casa
ROCHA da Rua do Arsenal, 98 - Lisboa

OURIVESARIA
e relojoaria
FLORINDO
COM
Officina annua
99, RUA AUREA, 99

Os unicos seguros de vida
COM SORTIDO são os da
Equitativa - dos E. D. do Brazil

Espelhos e vidros polidos
da fabrica de S. Gostin
Unicos apanha em Lisboa
MARGOTTEAU FERREIRA & C.
36, Rua do Carmo, 36

NOVA PEKIN
CHÁ e CAFÉ
Venda a grosso e a retalho
Especialidade em artigos de mercancia.
Largo de S. Domingos, 5, 6 e 7, 100

Centro Colonial Typographico
Rua da Conceição da Gloria
TRABALHOS em todos os generos
Preços resumidos

Trabalhos de machina de escrever
Copias perfectas de quaquer documento.
Empresa Correspondencia, Commercial
Rua Aurea, 146, 3.^a

Talheres de christoffe
E mais artigos para mesa
JOSÉ ALEXANDRE
Rua Garrett, 2 e 18

SILVA CARVALHO
(PHARMACEUTICO)
46, Rua de Santo Antão, 52
Completo sortimento de cintos elasticos,
famílias, artigos para panos, colorações,
etc., etc.
Especialidades: manilhas e estrangeiras,
aguas medicinaes, perfumarias, etc.

SANTOS
CAMISEIRO
Roupas brancas para homens
24, ROCIÓ, 25

Vaccaria Camões
Leite puro de vacas magrão ou fereido,
proprio para crianças e doentes.
Envia-se aos domicilios.
14, Praça de Luiz de Camões, 15

VIERRING & C.A
LIMITADA
Cambios e papéis de credito
Praça do Municipio, 1, 1.º e 3.
Rua do Arsenal, 41 e 43

VIUVA
Thiago da Silva & C.
ESTABELECIMENTO
de ferragens nacionaes e estrangeiras
94, Praça de D. Pedro, 95
Officinas de serralheira, ourador
metaes e nickelagem
Rua de Santo Antão, 3-A

JOSÉ FELICIANO ALVES D'AZEVEDO & C.
PHARMACEUTICOS
Deposito de drogas, productos químicos,
plumaceuticos e accesorios
Depositar dos productos de dr. MOUTON

ARANHIA & C.
Modas e confeções
Estovos completos
Secção de roupas femininas
para vestidos e saiboras.
272, Rua Augusta, 276

RETROZARIA
DAVID SOBRINHO,
Sempre as mais recentes novidades
70, Rua Nova do Almada, 70

Papelaria Progresso
M. A. BRANCO & C. - Sortimento
completo de papéis nacionaes e estrangeiros.
151, Rua do Ouro, 155 - LISBOA

Pitta, Camiseiro
195, Rua Augusta, 197

FABRICA D'ITALIA
CHAPEUS para senhoras e meninas
- V. ROMBERG
63, Rua do Carmo, 63 - LISBOA

AMPLIACOES PHOTOGRAPHICAS
em Paris - Per intermedio da
AGENCIA PHOTOGRAPHICA
Vê preços e exposições.
Rua Aurea, 146, 3.^a

Privilegios e registos de marcas
MACHADO DA CRUZ
AGENTE OFFICIAL DE MARCAS E PATENTES
PRAÇA D. PEDRO (ROCIÓ), 3, 1.^a

Officina de Torneiro e Serralheria Mechanica
de ALFREDO ALVES, constructor mechanico
de maquinas typographicas, debulhadoras e outras maquinas agricolas, etc., etc.
19, Rua de Arco a Jesus 19

Vieira da Silva
ALFAYATE
Fazendas e artigos de luxo para homens
PALACIO FOZ
Praça dos Restauradores, 28 e 29

COLCHOARIA
de Viuva Germano Quintão
PREÇOS LIMITADOS
Rua Serpa Pinto, 50

BACALHAU
Por grosso e miúdo a preços
muito resumidos, vende-se no ar-
mazem da
R. Nova de S. Domingos, 34

Pastelaria Raymundo
Especialidade em frutas, doces d'ovos,
biscotos secos, bombons, chocolates,
cognacs, vinhos
e licores nacionaes e estrangeiros.
Fornecem-se lanchs e soirées.
26, Praça dos Restauradores, 26
LISBOA

Um brinde delicioso
MOUSSEUX
(Champagne)
80 na Rua Nova do Almada, 80, 90
Podem comprar um brinde agradável,
fino, salubre, bom e
BARRATO

PANORAMA DA PALESTINA

Rua Antonio Maria Cardoso, 1

O mais extraordinario trabalho artistico que se tem apresentado em Lisboa.

A pintura e escultura dando a mais completa e exata ideia da realidade. Perfeita illusão d'uma viagem á terra Santa, á patria de Jesus Christo.

Todos os dias das 2 horas da tarde á meia noite

FRANCISCO RAMOS LISBOA
1, Rua de Santo Antão, 5, (ao Rocio)—17, 18, 18-A, 18-B, Largo do Regedor, 19, 20 e 21, (ao Theatro de D. Maria)
Estabelecimento de ferragens, talheres, metaes brancos, ferramentas dos melhores fabricantes, louças esmaltadas e estanhadas, francezas e inglezas
GRANDE SORTIDO EM TODO O SEU GENERO. IMPORTACÃO DIRECTA
PREÇOS EM COMPETENCIA COM AS PRINCIPAES CASAS

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA
CORRETOR **VIRGILIO DA COSTA**
Escriptorio - Rua de El-Rei, 112 e 114

O SEculo **NATAL** **NUMERO**
Publicação de luxo feita nas officinas d'O SEculo. Gravuras a cores pulso processos mais modernos.
PREÇO 200 RÉIS
Está á venda em todas as livrarias, tabacarias e kiosques de Lisboa e Porto, e em todas as agencias d'O Seculo, nas provincias, Africa e Brazil.

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço **ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA**

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogracura, zinnocographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1905

NUMERO 62



A RENDIÇÃO DE PORTO-ARTHUR

O GENERAL RUSSO STORSZEL

O GENERAL JAPONEZ NOGI

Porto-Arthur rendeu-se. Ao ferver das batalhas, da agitação do cerco, aos horrores da carnificina sucedeu uma outra batalha, mas essa não de delicias. O general Nogi, esse bravo, como se quisesse fazer esquecer a victoria, pediu aos seus soldados que se retiraram na praça moderassem o seu habitual enthusiasmo para não ferirem as susceptibilidades dos vencidos, que saíram da cidade com todas as honras e depois de darem a sua palavra que não tornariam a entrar em combate. Do armamento apenas deixaram as espingardas em poder dos vencedores. A rendição de Por-

to-Arthur assim vai a annunciar o fim da guerra russo-japonesa, a maior das locatombes d'este seculo. O Storszel resistira durante sete meses, pois foi em 27 de maio, logo a seguir á batalha de Kitchou, a que se cortaram todas as communicações com a praça. O acto do bravo general russo foi muito louvado, não só pelos seus compatriotas, mas ainda pelo resto da Europa, que vê assim poupar-se um grande numero de vidas.

CHRONICA

O fim do anno.

O anno teve, como ponto final, uma bala de espingarda disparada por um soldado contra o seu cabo, ali no quartel do 16, á volta d'um corredor, pela meia noite, ao render das sentinellas. O cabo foi talvez quem o ensinou a manejar a arma que cumpria o seu miseravel papel: matar!

Os casos tragicos da caserna tem sempre por inicio a instrucção militar, tem por motivo despeitos ou os rigores da disciplina. A instrucção militar mette na mão do soldado a espingarda, ensina-o a disparal-a ou contra um alvo ou contra um negro, ou contra uma multidão, ou contra um revoltado. O soldado sente-se uma força desde que com a violencia defende sagrados interesses que deviam, mesmo por sagrados, ser accetidos pelo direito e nunca impostos com as espingardas.

Defendendo d'este modo violento o que lhe dizem dever respeitar, o soldado á violencia se habitua. Farto de ser uma força para os outros, tenta soba por vezes para si. E' então que chega ao crime.

O militar tem uma psychologia especial, feita d'um culto que é a base da instituição: a valentia. O contacto das armas, a vida do quartel, os exercicios mais acirram e desenvolvem esse culto. O soldado comprehende-o, cultiva-o, segue-o. Faz-se heroe em Africa mais por se destacar do camarada da fileira do que propriamente pelos altos principios patrioticos que lhe ensinaram, mas que conbe-



ASTLO DA MENDICIDADE — CHALET DA ENTRADA



ASTLO DA MENDICIDADE — SECÇÃO DAS ASYLADAS

São para lamentar todas estas scenas de horrores, todas estas affrontosas mortes que alarmam as cidades, e enchem de pavor o paiz e o exercito, de que nunca se conseguirá fazer uma familia capaz de substituir a que o soldado deixa na hora em que se j unge nas corceias.

Mas entrou 1905. O jantar de anno novo fez esquecer um pouco o drama. Chegaram os Santos Reis e vieram tambem os duques de Connaught. A tragedia foi a olvidar-se, por fim desapareceu esmagada na alluviaão das festividades, das recepções, das visitas, dos banquetes, d'outras curiosidades que era necessario satisfazer; puzeram-se uniformes de gala, empennacharam-se os capacetes, vieram novas scenas e, como o anno entrava, depressa se esqueceu o terrivel ponto final que essa bala marcou.

E o anno acabou assim todo de tragedia, acabou com esse ponto final feito com a bala homicida, que, sendo destinada á defeza d'alguem bello ideal, foi empregada bem tristemente n'um duplo crime: o que roubou uma vida e uma liberdade!

ROCHA MARTINS.

ram menos no seu espirito do que a religião da heroicidade. A sua patria é a sua aldeia, mas a sua idéa dominante é a da valentia.

Com este preparo, mais facil é fazer-se um assassino do que um homem de bem, do que um justo. O direito é uma cousa que se posterga desde que se faz respeitar com baionetas, e o soldado é d'isso encarregado. A's vezes uma simples reprehensão, um olhar mais colérico d'um superior, um pequeno gesto põem uma idea extranha de rancores n'esses cerebros assim cultivados. Ensinaram-lhe a obediencia, mas deram-lhe com que a quebrar. Só um grande ideal pode obrigar o homem a obedecer sem viscutir, e para elles o cabo, o sargento são os inimigos, pelo menos é como tal que os vêem.

Têm nas mãos as armas, sentem-lhes o peso, sabem que lá dentro d'uma caixa estão oito ou dez balas e a tentação começa a ser bem violenta n'esses homens que nunca a teriam, so em vez d'uma espingarda manejassem a rabeira do arado, ali pelos campos, no meio d'essas terras d'onde veem para as casernas.

Com as idéas perturbadas, sentindo o frio do gatilho, tendo a colera no espirito e recordando que aquellas balas se cravam em alvos fortes e que elles a isso foram ensinados, dando-se até o premio ao que mais habil se mostra, apparece-lhe como uma cobardia a sua submissão aos ralhos, ás reprehensões, ás cousas ouvidas dos superiores. E é assim que se preparam para os attentados os soldados de dezanove annos, os recrutas imberbes, como esse que tão imprudentemente usou da arma que era na sua mão um symbolo de defeza geral e que elle applicou no interesse d'uma desforra indigna, mas para que todo o soldado se começa a preparar sem querer, instinctivamente, desde que lhe ensinam a manejar a espingarda, desde que lhe apontam uma religião de matança



ASTLO DA MENDICIDADE — INTERIOR DA EGREJA DO ASTLO

A MARQUEZA D'AYERBE

O CASTELLO DE MÓS EM SOTOMAYOR

Esta pagina é consagrada a commemorar um acontecimento litterario que interessa a península hispanica, conquanto se refira mais particularmente a uma das suas regiões mais pittorescas e tambem mais intimamente ligadas com Portugal— a Galliza.

Foi ultimamente publicado em Madrid em edição de luxo um erudito estudo firmado pela sr.^a marquesa de Ayerbe, muito conhecida entre nós desde que, com seu marido, ministro de Hespanha nesta corte, aqui residiu, conquistando goras sympathias.

Descendente dos antigos reis de Aragão, e por conseguinte do sangue da santa rainha portugueza D. Isabel, o marquez de Ayerbe e de Ruby é um homem publico e um homem de letras muito considerado em Hespanha, senador, ministro plenipotenciario, e académico de numero da Academia de Historia de Madrid. A memoria ou estudo com que obteve a cadeira de so-



SR. MARQUEZ DE LA VEGA DE ARMILJO
Tio de sr. Marquez d'Ayerbe e proprietario do castello de Mos

cio de tão importante corporação scientifica versava sobre a nossa Rainha Santa, e não só a Hespanha; não só a Aragão, mas a Portugal interessava, do mesmo modo



SR.ª MARQUEZA D'AYERBE

que agora o trabalho da senhora marquesa de Ayerbe interessa tambem ao nosso paiz, por tratar de épocas e factos em que a historia dos dois vizinhos reinos se aproxima e se encontra.

O marquez de Ayerbe deixou em Portugal um nome estimado e querido pela maneira correcta e distincta por que exerceu o seu cargo de representante d'um paiz que tanto estimamos, e pela gentileza e fidalguia do seu trato.

A senhora marquesa brilhou entre nós pelos encontros



SR. MARQUEZ D'AYERBE

da sua belleza, elegancia, mocidade e talento. Extremamente culta, a sua conversação denotava desde logo que n'ella existia o estofado d'uma personalidade superior; por isso a ninguém que a conhecia causou surpresa que apparecesse com um trabalho revelador de superiores qualidades de estudo, de criterio historico e de estylo. O seu livro é muito bem pensado e escripto. Representa a accumulacão de muitas informações mandadas colher nos archivos; e a exposicão é feita com relevo, nitidez e distincão.

No periodo que se refere ás luctas travadas entre D. Alfonso V de Portugal e Isabel a Catholica de Hespanha, figura, entre os senhores da Galliza que se puzeram do lado do marido da Beltraneja, um tal Pedro Madruga, de quem era o Castello de Mós em Sotomayor, e que a marquesa descreve como sendo «a representacão gonnina d'aquella nobreza altiva e revoltosa, verdadeiros lobos ferozes, aves do rapina, vivendo dia a dia, ora poderosos, ora occultos e fugidios, indomaveis e feros, não reconhecendo lei nem rei, nem freio algum que os detivesse no impulso das suas paixões e nas suas desenfreadas correrias.»

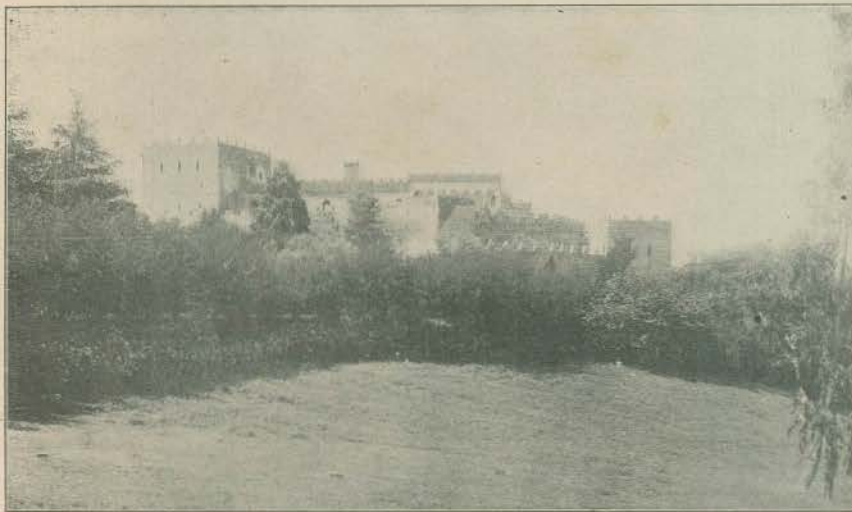
D'este Pedro Madruga—que, diante da revolução popular na Galliza, se refugiou em Portugal onde encontrou a favor a a protecção de Alfonso V e onde casou e que, regressando, nos seus dominios, seguiu ali democraticamente o partido do soberano portuguez—trata largamente o livro da sr.^a marquesa de Ayerbe, que se intitula: *El Castillo del Marques de Mos en Sotomayor.*

Este castello pertence hoje, por herança dos seus maiores que o fundaram e engrandeceram n'essas epochas ferozes, ao sr. marquez de la Vega de Armijo, muito conhecido estadista da vizinha Hespanha, tio da sr.^a marquesa de Ayerbe, que, sendo ali nada e creada, quiz dedicar um especial trabalho a perpetuar um tão notavel monumento.

Antonio Aguilar y Correa Sotomayor, marquez de la Vega de Armijo y de Mos, conde de Bobadilla, visconde del Pegullal, é doutor em direito, cavalleiro do Toisão d'Ouro, gran-cruz de muitas ordens hespanholas e estrangeiras, entre as quaes as da Torre e Espada e São Tiago de Portugal. Nascido em 30 de junho de 1824, foi eleito deputado nas constituintes de 1854. Tem sido governador de Madrid, ministro de Fomento, de Gobernacion e varias vezes de Estado; embaixador extraordinario em Roma junto do Leão XIII. E' no mesmo tempo um homem dedicado ás letras e ás sciencias, occupando por isso actualmento os elevados cargos de director da Real Academia das Sciencias Moraes e Politicas de Madrid, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e socio honorario do Instituto de Coimbra.

Todos estes titulos, juntos aos de ser possuidor do Castello de Mós, nos leva a illustrar esta pagina tambem com o retrato do illustre e eminente homem publico que tanto honra o seu paiz, onde é uma figura principal.

Sabemos que lhe hade ser agradavel o achar-se, tambem, por esta forma, na companhia da sua sobrinha delicia e seu illustre marido.



O CASTELLO DE MÓS EM SOTOMAYOR



PRINCEZA MARGARIDA VICTORIA CARLOTA AUGUSTA NORAH

É a terceira filha do duque de Connaught, nasceu em Bight Park a 15 de Janeiro de 1882. Acompanha seus pais e sua irmã na viagem a Portugal e a Espanha, tendo asseverado a imprensa estrangeira que estava tratando o consorte da augusta princesa, o príncipe Luiz Filipe de Battenberg, filho de S. M. o rei e senhor D. Carlos.



PRINCEZA VICTORIA PATRICIA HELENA ISABEL

É a mais nova das filhas do duque de Connaught. Nasceu em 17 de março de 1886 no palácio de Buckingham. Segundo informa-se, que tem alguns séculos de official, ao que parece, e que a imprensa estrangeira tem espalhado, o Sr. A. a noiva do rei de Itália afirmando-se que na sua viagem a Roma se converterá ao catholicismo bem como sua irmã.



O ASSASSINIO D'UM CABO D'INFANTARIA 16 PODR UM SOLDADO DO MESMO REGIMENTO

(Reconstituição da scena por apontamentos)

O crime deu-se na noite de 30 para 31 de dezembro, a meia noite, e hora em que se rondam as sentinelas. Deste ha muito que o soldado José Ribeiro, que pertencia à 1.ª companhia do 2.º batalhão e tinha o numero 18, andava em rixa com o cabo José Guimarães, que o soldado accusava de ser: um parasitador, de não lhe pagar o mesmo facho, como se tivesse tido o direito de ir a qualquer viagem. Era, irreconciliavel e o cabo com a sua autoridade reprobou-lhe a proposito dos mais futeis pretextos, isto apesar do soldado dar sempre motivos de queixa, segundo a disciplina militar. Na noite do crime, pouco de 10 horas, o cabo dirigiu-se à caserna mandando levantar os soldados que deviam entrar de sentinella e entre os que se encontrava o José Ribeiro,

que se accionou de vez contrariado, como alimentado pelo superior. Carregara a espingarda com oito cartuchos e foi tomar o seu posto. Pela meia noite, quando foram receber as sentinelas, no extremo e do corredor, o soldado ficou para trás, o que obrigou o cabo a voltar-se. Nesse momento elle fustiga logo o outro esta banhado em sangue. Os soldados da escolla fogiram aterrada e o assassino encontrou então o sr. capitão de inspecção, Carlos da Cruz, que, alarmado com o tiro, correu para o lado d'onde elle estava. Ao ver o soldado, parou e este, em voz incoherente, disse: quero apresentar-me: meu capitão. — Entressa a arma, voltou o official. Elle acabou logo: auctentou a arma e entregou-se a prisão.

A CARIDADE EM LISBOA

ASYLO DE MENDICIDADE

O velho convento de Santo Antonio dos Capuchos onde ainda ha restos de claustros e uma igreja magnifica, ligado por um pátio ao bello palacio dos senhores de Murça, é hoje o albergue de muitas misérias, recolhe adentro das suas paredes perto de mil indigentes, mulheres e homens, creaturas extranhas que ali vemos recebendo o pão d'essa caridade que muita gente não sabe existir em Lisboa n'um tão grande grau.

Os albergados são na sua maioria operarios inutilizados para o trabalho e que se lançaram na mendicidade, mulheres cujas historias se advinham nos seus rostos flaccidos. E' um lindissimo dia de sol que transpomos o pátio enorme, com as suas arvores que dão frescas sombras. Lá no fundo está a capella, á esquerda, entrando, o gabinete do director, sr. Chãmbica. Recobemo-nos com um sorriso amavel e atravessando comoos a sala dos benfeitores, ampla casa de cujas paredes pendem retratos a oleo representando os protectores da instituição, vai a dizer-nos que no asylo só se recolhem os mendigos naturaes de Lisboa e do seu termo e que elle foi fundado por decreto de 14 de abril de 1830 referendado por Monsinho d'Albuquerque. Os conventos tinham sido extinctos e o de Santo Antonio dos Capuchos foi desde logo destinado para esse fim de altissima caridade, sendo-lhe applicadas al-



AS CRIANÇAS DO ASYLO

gumas verbas importantes, além das subscrições particulares. Mas a miseria era muita, de dia para dia appareciam mais mendigos, toda essa gente que na época anterior á fundação do asylo vivia de esmolas nas ruas e d'outros misteres por vezes bom repellentes.

Em 1838 uma portaria manda applicar em beneficio d'essa instituição de caridade o rendimento liquido de 400 bilhetes da loteria e 2% das decimas da cidade.

Era isto o que ouviamos do sr. director enquanto atravessavamos um larguissimo pátio sob o qual existe uma grande cisterna do antigo convento. Um portão se abre na nossa frente e achamo-nos diante d'uma escadaria grandiosa. Ouvise um ruído de vozes, e vemos um bando de mulheres que saem do refeitório.

Essas mulheres de desdita, flores dos passões, gente que teve lar e que foi cair no asylo, ou-

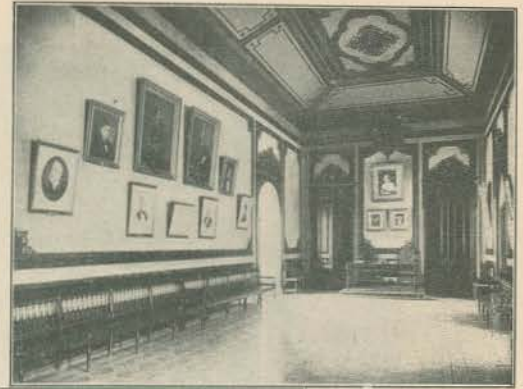


A COZINHA

za, tanto os homens como as mulheres, e ha ainda officinas onde os que querem encontram trabalho que lhes é pago com uma pequena gratificação, isto além da tarefa d'aluguer de candelas a que se dedicam nos passões publicos, indo essa vezia manter em parte o asylo. As officinas ali existentes são as de alfayates, barbeiros, canteiros, carpinteiros, colchoeiros, costura, desfilo de estopa, encaderadores, funileiros, marceneiros, meia, palheiroiros, pintores, polidores, sapateiros, serralheiros e torneiros.

Os homens que tendo qualquer d'estos officios não podem já manter-se d'ellos e ainda os que não tendo profissão alguma se encontram no abandono, podem trabalhar no asylo já n'aquelles misteres, já como caidores, hortelãos, encarregados de machinas a vapor e machinas de lavagem que estão muito bem installadas a uma casa propria a meio do pátio.

As mulheres prestam serviços de rouparia. Cozem, passam a ferro, fazem alguns outros trabalhos mais importantes e n'aquelle ateller amplo onde ellas se juntam para estes trabalhos ha como um cantinho de lar, um labor santo, que enterneca. Mas no pátio contiguo onde ha o recreio, soltam-se risadas, ouve-se um vozear



SALA DOS BENFEITORES

tras que nunca conheceram o bem estar, que durante uma existencia inteira dependeram d'accasos, olhavam-nos com panno. Aquelles rostos teem bem as suas historias escriptas nas rugas e nas expressões que tomam.

Muitas d'essas mulheres foram bellas e ainda o demonstram, sobretudo nos olhos, que são sempre os derradeiros restos de belleza. Ha ali creaturas ainda novas, que teem sorrisos e que no meio da sua miseria teem ainda um certo coquetismo, uns ares de quem busca agradar aos visitantes. E vém-se então as suas classes, os sitios d'onde visitam, quasi se vae

diser a historia que para ali as afiron. O asylo para esse bando de mulheres desolludidas da vida é ainda assim como a prisão.

Mesmo para as velhinhas que mal se movem, elle é como a obrigação, sempre detestavel.

E no entanto que serenidade de viver o d'aquella casa onde jamais lhes falta o pão e o abrigo, mesmo o carinho!

As camaratas são vastas, de paredes muito brancas, de janellas bem rasgadas por onde entra a luz d'esse magnifico dia.

O sr. director explica-nos o que é a vida ali, diz-nos como applicam esses miseraveis a serem uteis á comunidade. Erguem-se ás 7 horas e deitam-se ao sol posto. São obrigados a tomar o seu banho nas magnificas installações que ali existem para esse fim e alguns, procurando resistir aos preceitos da hygiene, não pouco trabalho dão a ser habituados.

No asylo elles são obrigados a fazer a limpeza, tanto os homens como as mulheres, e ha ainda officinas onde os que querem encontram trabalho que lhes é pago com uma pequena gratificação, isto além da tarefa d'aluguer de candelas a que se dedicam nos passões publicos, indo essa vezia manter em parte o asylo. As officinas ali existentes são as de alfayates, barbeiros, canteiros, carpinteiros, colchoeiros, costura, desfilo de estopa, encaderadores, funileiros, marceneiros, meia, palheiroiros, pintores, polidores, sapateiros, serralheiros e torneiros.

Os homens que tendo qualquer d'estos officios não podem já manter-se d'ellos e ainda os que não tendo profissão alguma se encontram no abandono, podem trabalhar no asylo já n'aquelles misteres, já como caidores, hortelãos, encarregados de machinas a vapor e machinas de lavagem que estão muito bem installadas a uma casa propria a meio do pátio.

As mulheres prestam serviços de rouparia. Cozem, passam a ferro, fazem alguns outros trabalhos mais importantes e n'aquelle ateller amplo onde ellas se juntam para estes trabalhos ha como um cantinho de lar, um labor santo, que enterneca. Mas no pátio contiguo onde ha o recreio, soltam-se risadas, ouve-se um vozear



UMA RECOLHIDA



GRUPO DE ASYLADAS

e atraves das janellas vemos uma ou outra mulher desgredhada, assistimos a correrias, analysamos velhizas que se erguem á nossa passagem e n'aquelles rostos vemos algumas bem desoladoras impressões.

Um canto d'esse logar d'onde se avista a cidade com as suas casas claras, os telhados chapados de sol, ao longe, bem destacada a Penitenciaria, tem alguma coisa d'um pateo de manicomio. Uma pequena das seus dezoto annos, de cabello rapado, pára, fala-nos, nas suas palavras ha o desequilibrio do seu espirito e as outras clamam, até que apparece a senhora regente que sorri e a quem as albergadas voem cumprimentar com amor. E ali n'aquelle pateo cheio de sol, onde as mulheres estão no recreio, vemos n'essas caras os dramas, as sensações, as gran es tragellas moraes que as lancaram para ali.

Decerto agora no aconchego do asylo, algumas hão-de recordar os seus dias, sem pão, as suas dôres, as noites passadas nos vãos das portas esmolando, e isso tambem nos fore e ainda mais ao vermos algumas pequeninas que o asylo recolheu.

Uma é loira, muito linda um rostosinho de Menino Jesus, a apparecer como um raio de luz n'aquella miseria das outras existencias, chama mãe á regente e ella, a bondosa senhora, diz-nos:

— Ficou sem ninguem no mundo como de resto as outras pequeninas que ali estão—Olhe, por exemplo esta! . É muda.



O PATEO DO RECREIO DAS ASYLADAS

—Mas não se sabe coisa alguma d'essas mulheres senão quando ellas o contam e d'ahi a nossa curiosidade não se satisfaz diante d'esses vultos de drama que entrevimos no asylo.

Passamos então as installações dos homens, que ficam no palacio que pertencem aos condes de Murça. Menos interessantes nas suas linhas goras, menos dignos de reparo, os asylos das mulheres, no pateo ao sul. São velhos operarios, alcoolicos uns, demarcados pelo labor, outros e que apresentam um conjunto de figuras estranhas: rostos rugados, labios crestados, as caras rapadas, os ares de sorrias, voltam no pateo fumando. As suas conversas param á nossa chegada e quando partimos a visitar as camaratas em todo aguas as das mulheres e que ficam nas grandes salas do palacio cedeias do asylo deliciosas, o sr. director explica-nos que os internados tem a liberdade de sair do asylo desde que o requirem, meos aquelles que são para ali mandados pelo governador civil e como philosophassemos acerca do viver d'essa bellissima casa de caridade, o sr. Chambiça diz-nos:

— Ainda é pequeno o asylo—Ha muita mais miseria . . .



GRUPO DE ASYLADOS



OFFICINA DE SAPATARIA

É uma pequenina forte e morena, de grandes olhos negros, contrastando em robustez e na cor com a outra como se fosse sem a realidade e o sonho, essas duas crianças ali albergadas.

A regente ensaia fazela a falar, ella murmura uns sons e sorri. Vamos então atravessar as camaratas, todas vastas, limpas, com as suas installações de banco contiguas. Apparecem nos sempre mulheres arrancadas á miseria, rostos de desditas, labios que já não sabem dizer senão das suas amarguras. É uma d'essas mulhoeres, magra, esquelética mesmo, com um traje negro, d'ascetica pallidez no rosto, de mãos postas e d'olhos no ceu, lembra a estatua da piedade e seria um magnifico modelo para um estatuario. Apontamola ao sr. director, elle murmura:

— Está sempre assim . . . Come immenso, tem aquelle eterno ar de piedade!
— Que historia ella não terá tambem!



O PATEO DE RECREIO DOS ASYLADOS



SALA DE S COSTURA

E com effeito recordamos todas essas crianças que por ali esmolam, as mulheres que se arrastam pelas ruas, os homens que esmolam, e já no pateo, lançando um olhar para essas paredes do velho convento, tivemos a impressão que as vianos dilatar-se, estender-se, tornaram-se enormes, alargando com as camaratas as costas e que ali estavam todos os miseros, todos os famintos que trabalhariam na razão das suas forças e seriam alimentados como os que lá vivem na proporção das suas necessidades.

Na grande ala da sabida, despedindo-nos do sr. director, passavamos sob as arvores e não escutavamos já as vozes d'aquella legião de miseros que ali se recolheram á sombra da caridade que lhes dá pão, feto e abrigo e os salva das ruínas accções a que a fome leva e das grandes misérias sentidas no meio de uma cidade que se divert.



S. A. R. O DUQUE DE CONNAUGHT

O duque de Connaught, Arthur Guilherme Patrick Albert, é também conde de Sussex, nasceu em 1850 no palácio de Buckingham em Londres e é irmão do rei Eduardo VII de Inglaterra. O duque renunciou, por si e por seu filho, a concessão do ducado de Saxe-Coburgo e Gotha em 20 de Junho de 1902. É membro da ordem dos pares, (old-marshal) britânico e comandante do

5.º corpo de exército da Irlanda, coronel das guardas escocesas e coronel do regimento de Highland-Life infantaria, ajudante de campo do rei, coronel de honras, grão-mestre da Ordem do Banho, cavaleiro da Jarreteira, da Ordem dos Seraphins, do Elefante e da Águia Negra.



S. A. R. A DUQUEZA DE CONNAUGHT

A duquesa de Connaught chama-se Luísa Margarida, é princesa da Prússia e nasceu em 25 de julho de 1863, casando em Windsor Castle a 13 de março de 1879 com o duque de Connaught, havendo d'este consorcio, além das princessas Victoria Patrick e Margarida Victoria, o príncipe Arthur Frederico, que estorve na África do Sul com o seu regimento de honras. A duquesa de

Connaught é chefe do regimento de infantaria S. de Brandeburgo. Pelo seu casamento recebeu o título de 10.ª princesa da Gran Bretanha e da Irlanda, que pertence ao esposo como irmão do rei de Inglaterra.



OS REIS MAGOS

Os Reis Magos, esses lendários reis que, guiados por uma estrela, foram a Bethelem no dia do nascimento de Christo, chegavam do Oriente e perguntavam: «Onde está o rei dos judeus, que é nascido?». Não vimos no Oriente a sua estrela e vimos a adoração. Estas palavras dos Reis Magos turbaram o povo da Judéa e sobretudo Herodes o Grande, que, inquieto d'ellas onde Christo nasceria e sabendo ser na cidade, logo fez projecto de mandar matar, em Bethelem e seu

terro, todos os meninos que podiam ser esse annunciado Messias. Foi por isso que se fez a degollação dos innocentes e que a Sagrada Familia fugiu para o Egypto. Mais tarde, morrendo Herodes, foram os fugitivos habitar para Nazareth, tomando ser reconhecidos em Bethelem e recusado que Aqueles, o novo rei, os perseguisse.



O BOLO REI

Em volta da mesa junta-se a família a festejar os Reis, diante do bolo redondo que guardaria a surpresa na sua massa. Mulheres e homens, todos desejam o bocado, e lá uma alegria louca quando do alguém o mostra triunfalmente. O bolo rei é um symbolo que obriga a festejar a quem a sorte destina as horas do rei da festa e que junta em torno da mesma mesa as pessoas quan-

tidas, os membros das famílias, que, com esse jantar dos Reis, encerram as festas começadas em véspera de Natal, as festas com que principiam e terminam os annos, todas de tradições e de suas ligações.



MANUEL FERREIRA URBANO
Serralheiro da fabrica d'armas



LUCIO ANTONIO
Cartucheiro da fabrica d'armas



FREDEGICO AUGUSTO MENDONÇA
Carpinteiro da fabrica d'armas



JULIO RIBEIRO COSTA
Tornador da fabrica d'armas



AUGUSTO MIGUEL PINTO
Carpinteiro de moldes na fundição
de canhões



JOÃO CARLOS
Lavrante da fundição de canhões

OS OPERARIOS DO ARSENAL DO EXERCITO, DA FUNDICAO DE CANHOES E DA FABRICA D'ARMAS QUE RECEBERAM O PREMIO MARIA PIA



OS INTERPRETES DA PEÇA -MANOEVRES OF JANE- QUE DEVE SER REPRESENTADA NO THEATRO DE D. MARIA II
EM HONRA DOS DUQUES DE CONNAUGHT

Os interpretes da peça, que já sahita á scena no Gynnasio em recita particular, são membros da colonia inglesa. Todos os nomes esse grupo dá a sua revista, constando-se distincções amadores entre os que tomam parte nas *Manoeuvres of Jane* e que são os seguintes: sr. Stanley Rawes, Douglas Rawes, A. M. Symington, G. L. Andrews, S. H. Williams, W. Wright, W. Jequier, e H. G. Jayne e as sr. Evelyn Elliott, Marsden, Margaret Jequier, Sleigh, L. A. Dartford, L. M. Stroll, e J. Sleigh. O ponto é o sr. P. Flower Dartford e o contra-regra o sr. J. N. Manden.



A ADORAÇÃO DOS MAGOS

QUADRO DA ESCOLA FLAMENGA OU ALLEMÃ (SÉCULO XVI) EXISTENTE NO MUSEU NACIONAL DE BELLAS ARTES—ESTE QUADRO PARECE TER SIDO EXECUTADO EM PORTUGAL NO PRINCÍPIO DO REINADO 3 DE D. JOÃO III—O AUCTOR É DESCONHECIDO.



CHRUGA A PROPÓSITO, ALTEZA

CAPÍTULO IX

COMO SE FAZ UM REI

tal de *Arcaia* o *Ismenta*, de proferencia no *Espirito das Letas* ou ao *Elogio do maruchal de Berwick*. — E' um pequeno romance e ois dos entusiasmados para os príncipes! Espero que as acaftas ainda não tenham morto a linda condessa de Stephanis.

E o duque, levantando-se de uma poltrona o seu bastão o seu tricorno, curvou-se n'uma profunda reverencia.

D. José ergueu ainda o braço para o retor, mas a porta da galeria abriu-se e o porteiro da camara annunciou, curvado, fitando as fivellas dos sapatos:

— Sua senhoria, o senhor conde de Stephanis!

— Chega a proposito, Alteza! O conde é um homem surpreendente e o mais extraordinario felizicouro do universo! E' conveniente pedir-lhe para poupar as flores dos alegres. Hontem, no Calharis, estollhou um ramalhete de rosas de Lord Beckford, só de olhar para ellas! Deve ser um marido terrivel, Alteza!

— Faça conduzir o conde ao jardim—ordenou D. José ao porteiro da camara.

Lafões curvou-se, em nova reverencia.

— Levarei a condessa a vér as estatuas equestres, meu senhor.

— Levava antes a vér a estatua de Diana, duque! E contolhe historias innocentes.

— Irei buscá-las no Velho Testamento, ao velho Egypto.

— Tão longe, duque?

— E' a patria do casto José, Alteza! Contarei á condessa a historia da mulher do Putiphar!

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

— E' falso, duque! Essa mulher

— Não vinha lançarse nos braços do Príncipe de Beauli! Quando muito, vinha lançarse aos pés de Vossa Alteza, que lhe beijou a mão, ante-hontem, n'esta sala! Não pode Vossa Alteza ser o amante d'essa mulher porque é, a estas horas, o seu Deus! Pela primeira vez, Vossa Alteza encontrou a gratidão no caminho e escorraçou-a, tomando-a pelo vielo! Recommendo a Vossa Alteza, se vai ler Montesquieu, a historia orien-

Precedido pelo porteiro da camara, Cagliostro atravessou o jardim, passou os dois lagos de marmore, onde os tríficos, golfinhos e sereias de zinco vertiam, repuxavam e espadanavam aguas murmurantes, deitou os dois degraus de lioz, entre as duas figuras da Fama, que no alto dos soccos, sopelavam pelas cantulas do freio os fogosos corceis alados, de clinas onivantes.

O parque abria, n'uma rotunda, adornada com os bustos dos doze Cesares, as suas extensas avenidas, assombrosas de tilias, freixos, alfarroboiras e cheirosos loureiros.

No segundo degráo, o porteiro da camara parou e Cagliostro descobriu-se diante do Príncipe, que caminha lentamente ao seu encontro, apoiado ao bastão de pau de ouro.

Uma orchestra de melros e rouxinolos cantava nos arvoredos. Ao longe, por entre as ramarias, passava a farda branca e vermelha de um soldado do regimento de Cascaes, que fazia a guarda.

— Ha muito que o esperava, conde!

Cagliostro avança, descoberto. Os seus olhos perscrutadores procuravam Lorenza na rotunda deserta, onde apenas os doze Cesares erguiam os perfis romanos nas pilaestras angulares de marmore cinzento.

— Peço perdão a Vossa Alteza da involuntaria de-

mora... Um grave negocio me obrigou a procurar o intendente.

—Que o fez esperar duas horas na ante-camara, como um secretario de Estado.

—Logo me recebeu, Alteza.

—E' mais um milagre, conde, a juntar aos da noite de honem. Todos voltaram surprehendidos do Calhariz e já o consideram felicissimo! Ha instantes me conta-va o duque de Lafões a historia maravilhosa do ramalhete de lord Beckford. Dizem que o seu olhar faz desabrochar as rosas, conde!

—Alteza, eram velhas as rosas e a mão do lord tremia.

—Assim tremem as mãos do lord!

—Todos os homens falsos tem a mão pouco segura!

D. José ergueu vivamente a cabeça.

—Os homens falsos? Lord Beckford é um homem erudito e opulento, que viaja...

Cagliostro emendou, respeitoso:

Lord Beckford é um homem habil, que espiona!

—E que vem espilar a Portugal lord Beckford, conde?

—A presa da Inglaterra, Alteza!

D. José teve um movimento vivissimo de espanto.

—Não comprehendo, conde!

—E' facil de comprehender, Alteza. Essa revolução, annunciada por Voltaire, ha vinte e tres annos, aproxima-se. A França é hoje uma labareda e será amanhã uma fogueira.

—Não sei o que a revolução de França possa ter de commum com a espionagem de lord Beckford! — disse D. José, gravemente.

—Senhor, a revolução de França será a revolução da Europa. A hora aproxima-se em que o povo expulsará os reis e peinará!

O Príncipe do Brazil bateu com a poiteira do bastão no sabro da rotunda.

—Sou filho e neto de reis eerei rei um dia!

Cagliostro cruzou os braços diante d'aquelle assomo de orgulho real. Os seus olhos scintillantes fitaram o afogueado rosto juvenil, cuja fronte parecia já annunciada pelas responsabilidades do mundo.

Era assim que elle o imaginava e que elle o queria, ambicioso e irrequieto, impaciente e soberbo, sonhando com uma coroa de rei na idade em que os homens sonham com uma bocca de mulher. N'aquelle imaginação exaltada e n'aquelle alma irrequieta os seus talentos diabolicos de seducção podiam constituir uma influencia dominadora. O seu confuso plano de fazer um rei d'aquelle principe, de ser o Satanas d'aquelle Salvador, fixava-se e esclarecia-se no fundo do seu cerebro, em frente a essa figura nervosa e impressionavel, e a esse nobre rosto de creança ambiciosa.

Aquelle encontro a sós, nos jardins, vinha favorecer a obra do conquistador e precipitar a execução d'aquelle vago plano. E quando mesmo os encantos de Lorusza deixassem indifferente aquella alma, devorada pela febre da gloria, substituiria os beijos de Lorusza por outras tentações irresistiveis. Em vez do ospanmo de amor, dar-lhe-hia possadellos de monarchia.

Repetidamente, elle comprehendia a necessidade de conquistar de assalto aquella imaginação e jogar o seu grande jogo favorito: a audacia.

Durante um curto momento, enquanto ao fundo do seu cerebro se erguiam as ideias, os seus olhos de fascinador demoraram-se no rosto annunciado do principe.

—Reinar um dia, Alteza, é tão vago, é tão longinquo! Enquanto Vossa Alteza espera a sua vez de reinar, os ministros de todas as monarchias comprometem os thronos de todos os soberanos e entregam os sceptros ao povo!

—Mas que tem lord Beckford com tudo isso, conde? — perguntou D. José, impaciente.

—Lord Beckford foi mandado a Portugal para secretamente avaliar qual tem mais probabilidades de sair victoriosa: a Revolução ou a Monarchia.

—Ah! Lord Beckford copia-nos, conde? E que pensará a estas horas o lord?

—Men senhor... talvez...

—Diga sem receio, conde! O lord pensará que uma monarchia cujos ministros negociam a tratado de março de 1778 é uma monarchia sem salvação! O lord pensará que uma rainha governada por um confessor pôde perder a coroa enquanto salva a alma! O lord pensará que um reino governado pelo visconde de Villa Nova da Corveira é uma não, que eucalho no lodo!

—Talvez, senhor...

—E entretanto, conde, esses ministros devotos e incompetentes receberam das mãos gloriosas e velhas de um grande ministro uma nação prospera e respeitada, com exercitos em terra e esquadras no mar, com um throno seguro e um thesouro repleto!

—Vossa Alteza tem um irmão?

—Porque me faz essa pergunta, conde? Que mysterios escondem as suas palavras? Para que tantos rodeios?

—Senhor, em venho de entregar ao Intendente papéis compromettedores e perigosos, onde se diz que a Egreja e a nobreza conspiram.

—Ha ottocentos annos que conspiram, conde!

—Perdição: — contra Vossa Alteza!

D. José empallideceu.

—E porque contra mim?

—Porque Vossa Alteza não tolera os Jesuitas e vê com maus olhos os manejos absorventes dos fidalgos, que voltam a exercer o dominio e o governo! Porque

Vossa Alteza reprova em n voz alta os actos dos ministros, não acompanha com ifrades, admira os philosophos francezes, corresponde-se com o imperador da Alemanha e se interessa pelas desaventuras do povo! Porque Vossa Alteza é o discipulo do marquez de Pombal e porque é necessario, para que a Egreja e a nobreza triumphem, que da obra d' do marquez não fique um só vestigio.

Pôdem subvertel-a todala, conde! Sempre ficarei eu!

—Custa mecos a eliminar um homem, que a destruir uma ideia, Alteza!

—Conde! Isso é uma ameaça!

—Como tal a encontrei: é nos papéis a que me refiro!

—O Intendente me prestará informações minutissimas...

—E' inutil pedirlhes, Alteza! O Intendente poderá ter interesse em occultal-as!

—Forcal-o-hei!

—O Intendente pode dessoberdecer!

—Ao principe herdeiro, conde?

—Por obediencia á Rainha, Alteza!

—Sua Magestade não me pode negar o conhecimento de amecas, feitas contra a minha vida, nos documentos em poder da policia!

—Eu conservei as copias, Alteza!

—Conde! Eu quero vel-las!



LORD BECKFORD

—Para Vossa Alteza as is guarde!

—E' necessario trazer-m'as! E se os conspiradores... — Perdido, interrompen n Cagliostro, com uma voz de ineffavel doçura. — Os documentos falam do conspiração; não de conspiradores.

—Facil será descobri-l-os! De onde provinham os papéis?

—Da Franco-Maçonaria!

—Em poder de quem estabavam?

—Do emissario secreto do Grande Oriente de França.

—E é a maçonaria que se me ameaça?

—Não, meu senhor! Um príncipe liberal e generoso, como Vossa Alteza, nunca a poderia ser amecado, antes protegido pela maçonaria. E esses papéis delatavam para França a conspiração da Egreja e da nobreza de Portugal contra Vossa Alteza.

—E nem um só nome?

—Nem um só.

—E quem me assegura a que isso tudo não é uma tenebrosa phantasia?

—Ignoro as cousas e os s homens da corte e do reino. Sou um viajante que passa e observa... Se Vossa Alteza não é olhado de travazes pela nobreza; se não é vigiado pela policia; se é considerado e ouvido pelos mi-

nistros, nos negocios do Estado, como cumpre a um príncipe successor da coroa; se Sua Magestade tem em Vossa Alteza a illimitada confiança que lhe deve merecer um filho (ilustrado a vassallo leal); se o Archebispo Confessor submetto á approvação de Vossa Alteza o seu programma politico; se Vossa Alteza abomina Rousseau e nunca leu Voltaire; se os poetas e o povo não idolatram Vossa Alteza; então é uma phantasia, tão inoffensiva como tenebrosa, essa conspiração delatada ao Grande Oriente e que teria, por fim mandar a coroa real da cabeça do príncipe D. José para a cabeça do infante D. João!

—Conde! A policia vigia-me; os ministros não me ouvem; a rainha julga-me uma creanga; o Archebispo o abomina, com soberancia; agrada-me Rousseau e tenho lido Voltaire; os poetas offeceram-me edes e o povo aclama-me nas ruas!

—Acutele-se então Vossa Alteza!

—E que provas seguras me dá da veracidade d'essas confidencias, conde de Stephanis?

Cagliostro tomou uma attitude orgulhosa e dignissima.

—As provas, acaba de m'as fornecer Vossa Alteza! O enviado da maçonaria e os seus papéis estão em poder da policia, onde Vossa Alteza os encontrará!

D. José permaneceu um momento quieto e reflexivo, abalado por aquellas revelações surprehendentes e terriveis.

Sob o olhar scintillante de Cagliostro, as duvidas como que se dissipavam, nima a nima no seu espirito, semelhantes a navens que um grande vento impeliammente esfarrapa e dispersa.

Quem era aquelle homem, alchimista e feiticeiro, audacioso e arguto, cheio de complices e de mysterios, conhecendo os segredos do Estado e os trabalhos da Revolução, que esfolhava as rosas com o olhar e denunciava os conspiradores á policia? De onde vinha aquelle aventureiro, com a sciencia de um philosopho e a arrogancia de um príncipe, que dissertava sobre politica e sobre chimica, dicentia d'Alembert e lia a historia nas suas paginas secretas, que advinhava a doença da Rainha e a espionagem de lord Beckford? Que queria aquelle homem complicado e suspeito, com os seus novilhoes de intrigas tenebrosas e as suas propheticas ameaçadoras? Que forças desconhecidas animava de influxos irresistiveis e imperiosas de verdade as suas falas incoherentes e os seus avisos propheticos? De onde lhe vinha aquelle estranho poder de convencer e dominar, de perturbar as consciencias e inquietar os corações?

Inutilmente, olhando o sabro vermelho da rotunda, por onde se espalhavam as sombras moveidas das arvores, elle procurava desencajar o espirito d'aquelles enredos imaginarios e subtraí-l-os á fascinacão d'aquelle homem. Mas as suas palavras tinham deixado em toda a sua alma uma inquietação invencivel.

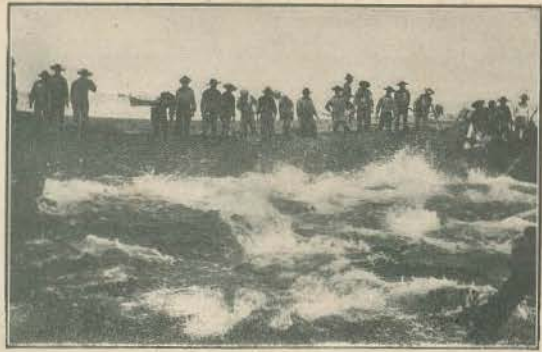
Se tudo aquillo fosse verdade? Não dominava na corte e no reino o partido que exilava o marquez, que lhe encobria de amargura e humilhações o fim da vida? Porque não se exercitariam contra elle, hoje príncipe e rei amado, essas moemas colligações de odio? Seria por ventura a primeira vez que o regediio eliminava um soberano? Não fazia elle publico alarás das suas doutrinas? Em frente dos ministros e do archebispo não falava com sandade do marquez?

E um impetuoso desejo de ouvir aquelle homem, que tudo penetrava e sabia, de o interrogar durante longas horas, de o empregar ao seu serviço, de lhe ouvir os conselhos e de lhe confiar a espionagem dos seus inimigos, ia-o penetrando, como um maleficio. Instinctivamente, presentia n'ello uma creatura diabólica e temerosa, um partidario da sua causa, um auxiliar da sua ambição.



COMMENDADOR DAVID TRINDADE

A direcção do Acto Escola Antonio Estanciano de Castilho é composta, além dos cavalheiros de quem no penúltimo numero a *Illustração* publicou os retratos, pelos srs. Isidoro Augusto Pessoa, José Pedro Estanciano da Silva, Antonio Victor Lopes Junior, Alfredo Junqueira de Figueiredo, Carlos Perry Vidal e o sr. commendador David Trindade, presidente, cujo retrato hoje inserimos.



PESCA DO ATUM NA COSTA DO CARVOEIRO



PRAIA DO CABO CARVOEIRO

(Photo. do sr. Trindade Martins)

CHRONICA ELEGANTE

A presente epocha, entre as festas do anno novo e o Carnaval, é, nas cidades elegantes, destinada aos bailes, saraus e festas de noite em que o mundanismo opulento, aristocratico e smart exhibe as suas maiores galas e brilhantismo; esta quadra que se prolonga depois pela quaresma, mas já com distrações de caracter mais sério, entra pela primavera e com variantes diversas vae entretendo o espirito até á estação das villegiaturas, agnas e *tourismo* de toda a especie.

Entre nós, apesar de não faltar o meio elegante, aris-

toeratico e opulento, podem contar-se as salões que se abrem para festas nocturnas. Os bailes e saraus são em pequeno numero e esta escassez de divertimentos mundanos só tem explicação na concorrência feita pelos theatros, sobretudo o de S. Carlos, sobremaneira aborvante com as suas recitas ordinarias, extraordinarias e extra-extraordinarias, que empolgam as noutes quasi todas, frequentadas sempre pelo mesmo publico, assigante e espectador obrigado do lyrico.

mente ornamentados ricamente, porém de forma a não prejudicar a vaporosa e diaphana estrutura do tecido. As rebulas apparecem sempre triumphantemente bellas e imprimindo ás *toilettes* um cunho de incomparavel esplendor.

Este anno os decotes não são tão baixos e os corpos apresentam tendencia a desenhar melhor a cintura, tendo muito menos *bonfant*; por outro lado vém se tambem os corpos decotados em tecido fino e transparente formando *bonfant* em toda a volta da cintura que parece então muito mais delgada, apertada nos cintos *drapés* muito justos, em setim, velludo ou soda *Liberty*.

As pessoas que dançam redizem bastante as caudas dos vestidos, chegando a usal-as quasi como as dos vestidos do passeio e visitas elegantes.

FIG. 1 — *Toilette* do baile em gaze branca com *decoas* em soda branca *lamé d'argent*. Corpo guardado com *berthe* em *lamé d'argent* e rendas de Bruxellas. Rosetas de gaze com prisões de brilhantes. *Aigrette* com brilhantes no ponteadão.

FIG. 2 *Toilette* do *soirée* e *theatro* em setim lilaz; *corsage* de gaze e tullo lilaz com rendas de *Alençon* e ramos de violetas.

FIG. 3 — *Sortie de bal* em setim preto guardado de *gnipure serue* com forro de setim branco.



FIGURA 1



FIGURA 2

Assim as *toilettes* de grande baile em forma estão hoje postas do lado por muitas senhoras, que se limitam a possuir vestidos de *soirée*, que servem tambem para o *theatro*, para jantares e reuniões intimas. E, no entanto, que lindas são as *toilettes* do baile de grande gala, com os seus largos decotes orlados de rendas e joias preciosas e resplendentes dos perfumes de flores finas, com as longas caudas de sumptuosos tecidos desfilando como ondas multicolors sobre os opulentos tapetes do Oriente e os mosaicos dos *parquets* modernos!

Os tecidos, pesados ou leves, que hoje entram na confecção de tão ricos trajos são luxuosos na sua essencia, mas delliciosamente artisticos nos detalhes dos coloridos e dos desenhos. As sedas bordam-se, pintam-se, ardemam-se, recamam-se de joias e formam um conjunto deslumbrante. As gazes, *mousselines* e tullos são igual-



FIGURA 3

COMPANHIA FRANCEZA

GRAMOPHONE

RUA GARRETT,
47, 2.º



RUA GARRETT,
47, 2.º

M. EUGENIO GERALDONI

Debutou na Carmen, em Barcelona, aos vinte e oito annos e foi tal o successo que obteve, que desde logo se evidenciou no mundo artistico.
Voz quente e vibrante d'uma grande malleabilidade, canta o antigo e moderno repertorio com extraordinaria facilidade, sempre com muita arte e sem affectações. Algumas peças do seu repertorio impressas nos discos da

Companhia Franceza do *Gramophone*

Demonio, Aria Del Demonio, *Rubinstein*
Don Carlos, Alla della morte, *Verdi*

Tannhauser, O tu bell'astro, *Wagner*
Aida, Quest' assisa ch'io vesto, *Verdi*

RUA GARRETT, 47, 2.º

AGENTES EM LISBOA

Eduardo Baptista, Rua do Ouro, 17
C. Calderon, Rua dos Fanqueiros, 300

Leopoldo Wagner, Rua do Ouro, 75
Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 52

AGENTE NO PORTO

ARTHUR BARBEDO—Largo de S. Domingos, 12, 1.º

AGENTE EM BRAGA

MANUEL ANTONIO MANEIRO GOMES



A. VIEIRA DA SILVA ALFAIATE DA ELITE

28, Praça dos Restauradores, 28 — (Avenida Tailor) Palacio Foz, Lisboa

Succursal na Figueira Rua Bernardo Lopes, em frente do Casino Peninsular

Fazendas de alta novidade e finissimo gosto e mais artigos de luxo para homem



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Ativo ao publico. — Desde a dia 15 de Janeiro de 1902 sera publico em virtude da Lei n.º 2, de 24 de Janeiro, a venda de bilhetes, emitidos em nome da Companhia de Ferro do Sul e Sudoeste, para transporte de mercaderias diversas por quantidades de peso minimo de 500 kilogrammas ao pagamento nominal de 25 de francos de 1902. — O Director geral da Companhia, Chapay.



Perola Thesouro do Estomago

PREPARACAO DE

LUIZ DIAS AMADO PHARMACUTICO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

GRANDE EXITO!

Essa preparação não contém toxico algum e cura radicalmente todas as doenças do estomago. Pelas virtudes que a recomposição chimica se para elle a attenção dos senhores médicos não que bem o mostram na sua composição e nos seus effectos para elle citando na sua formula a mucilagem com a cocaina, que sempre se abre do estomago logo que se toma a preparação. Os doentes e os seus familiares desapparecem com a sua energia, facilitando a funcção dos fermentos digestivos, e illustre fermento importante transformando as fecculas, amidos e outros e portam assimilaveis a pequisa fermentando as carnes; a piazessina empobrecendo as gorduras, torna-as digeriveis. A temperatura normal a digestsão realisa-se independentemente da vontade do individuo. — A Perola Thesouro do Estomago realisa os mais preciosos e mais reconhecidos como outros effectos. Logo a appetite e faz desaparecer promptamente as dores de cabeça e os enjambentos do estomago, as flatulencias, a pyrosis, a distensão, os excessos de acido, destruem os microbios, funccoes da funcção estomacal, acionando sobre o systema nervoso central os nervos, como por exemplo, o nervo que a medulla do inferno a gloria, o que justifica o epitheto honroso de

PEROLA THESOURO DO ESTOMAGO — *De:* Uma pequena colher de chá, ras, e seguir a cada refeição com a água (um pouco d'agua).
PREÇO DO FRASCO 1\$200 reis
Deposito geral: Pharmacia Dias Amado — 50, Rua do Carmo, 52 — E em todas as farmacias do pais

C MELHOR DIGESTIVO — TONICO — NEVROSTHENICO

VITALOL

DE
Meyrelles & Moura Brasil

Rio de Janeiro: Rua S. Pedro, 59 — Rua Gonçalves Dias, 71
Bahia: Drogeria America
E EM TODAS AS BUAS PHARMACIAS

A ditta — o superior tribunal da sciencia — tem sancionada o valor curativo do VITALOL nas molestias unta as perdas de phlogiatos: Tuberculose — Diabete — Dyspepsia — Neurasthenia — Infeccão geral — Surmange — Cancro physico e intellectual — Dispepsia difficil — Impotencia — Esgotamento — etc.

DEPOSITOS

Francisco Leal & C.ª

IMPORTADORES

Carvão de pedra de todas as qualidades, coke e ferro gusa para fundições

AGENTES DO CARVÃO DOMESTICO
Deposito — Rua do Gamboa, 14 a 26

Escritorio — Rua 1.ª de Março, 67, 1.ª
RIO DE JANEIRO

CASA AMIEIRO, SUCCESSORES

Telephone, 1110

ATELIER DE ALFAIATE

A. C. LOPES & C.ª

CONFECÇÕES PARA HOMENS E SENHORAS

LISBOA

55, Rua Ivens, 57, 1.º

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

[SOCIETUDE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital	Accções	360:000\$000
	Obrigações	338:670\$000
	Fundo de reserva e de amortisação	205:000\$000
	Total	903:670\$000

SEDE EM LISBOA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaja e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha)

Installadas para uma produccão annual de cinco milhões de kilos de papel e dispouo dos machinismos mais aperfeccoados para a sua industria

TEM EM DEPOSITO GRANDE VARIEDADE DE PAPEIS DE ESCRIPTA, DE IMPRESSÃO E DE EMBRULHO

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou rotunda e de firma

Forneca papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do pais, entre os quaes *Diario do Governo, O Seculo, Diario de Noticias, Jornal do Commercio, Diario Illustrado, Correo da Noite, Tarde, Folha da Tarde, Mundo, Voz do Operario, Novidades, Liberal, Jornal da Noite, Debate, Arco-Iris, Tourif, Parodia-Comedia Portuguesa, Gaceta dos Caminhos de Ferro, Via-Ferraz, Primeiro de Janeiro, Jornal de Noticias, Palavra*, e muitos outros de Lisboa, Porto, provincias e ilhas

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

Lisboa - 270, Rua da Princeza, 276 — Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa - Companhia Prado — Porto - Prado. LISBOA - Numero telephonico: 605